



POSFÁCIO

A memória do digital nas artes e museologia

Pablo Gobira

Neste livro não nos esforçamos por desenhar exatamente o que é uma “memória do digital”. Em um momento da história humana em que nos encontramos completamente entranhados em relações tecnológicas digitais, providas por condições industriais de produção, seria um erro ficarmos aqui divagando sobre alguma qualidade específica dessa memória.

Nós, como estudiosos dos campos das artes e da museologia que compomos este livro, buscamos discutir a memória em manifestações diversas, alcançando-a a partir das instituições museológicas e dentro do campo da arte. Para realizar isso reunimos pesquisas que envolvem não apenas a discussão sobre a preservação de uma memória da arte, ciência e tecnologia, mas expomos, no livro, a memória como um fenômeno a ser estudado – fenômeno reconhecido em instâncias que vão das iniciativas preservacionistas e de formação da memória, passando pelas instituições da memória, até alcançar modos de analisá-la nas ações artísticas que têm nela sua matéria-prima.

Neste volume, o/a leitor/a pôde ler estudos com dimensões introdutórias e desenvolvimentos teóricos aprofundados. Reconheceu relatos e análises sobre experiências vivenciadas por artistas/curadores/professores/pesquisadores contadas em primeira mão, bem

como vislumbrou propostas metodológicas de ações que buscam o percurso da formação de uma memória artística. O/A leitor/a também leu capítulos que tratam de processos de arquivamento, arqueologia das mídias e experiências de restauro digital, além de encontrar análises de especialistas do país e do exterior que se detiveram sobre a nossa realidade (das artes e museus).

Como o/a leitor/a pôde perceber, o livro *A memória do digital e outras questões das artes e museologia* é, ele próprio, um registro memorialístico de um período histórico das relações entre arte, ciência e tecnologia. É isso que podemos ver, por exemplo, no capítulo de Milton Sogabe, com o qual começamos este livro. O renomado pesquisador e artista discorreu sobre a memória da arte e tecnologia no Brasil muito como um depoimento, sendo que participou ativamente do momento histórico que relata.

Após o/a leitor/a se familiarizar com a história da arte e tecnologia no contexto brasileiro, trouxemos o capítulo da estudiosa Hanna Hölling, que trabalhou a teoria da conservação a partir da dimensão temporal, presente desde a composição de obras de arte em mídias diversas. Com esse artigo iniciamos a apresentação ao/a leitor/a da complexidade do campo da preservação da arte da qual tratamos em nosso campo.

Do material e das técnicas de conservação, passamos no capítulo seguinte a enfocar os museus no contexto contemporâneo. A pesquisadora e curadora Christiane Paul explicita a discussão sobre a arte digital frente às suas condições produtivas (materiais). Ela realiza a sua reflexão considerando o aspecto da memória da arte e os meios e modelos de sua conservação no contexto pós-digital.

Continuando esse aprofundamento, a professora e curadora Priscila Arantes discute questões fundamentais sobre os museus contemporâneos, diante da aparente necessidade de se desenvolver propostas que atinjam maior público e difusão. Ela desenvolve o seu capítulo em busca de um museu contemporâneo enquanto realiza a crítica do museu

como espetáculo, entendido por ela na dimensão midiática – da face superficial do espetáculo, conforme vemos em Guy Debord (1997) nos seus *Comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Ainda que a crítica do capítulo esteja enfocada na configuração *block buster* das exposições em museus, a autora aponta para uma impossibilidade de fuga do espetáculo, ao mesmo tempo em que se destaca um contexto que considera heterogêneo e híbrido. O artigo se encaminha para apontar a museologia radical e experimental a partir das iniciativas desenvolvidas pelas ações da curadora no Paço das Artes até alcançar a ideia de “museu-interface”.

Mais ao meio do livro, o capítulo da eminente professora Annet Dekker nos revela uma possibilidade de entender o arquivamento já em andamento no contexto da internet, mais especificamente, através do *Wayback Machine* do *Internet Archive*. Mais do que isso, a autora nos mostra como tratar esse “conteúdo” (ou “objeto digital”) buscando-o como se constituísse uma narrativa e como, metodologicamente, através do *storytelling*, podemos coletar e analisar esse “objeto digital” a partir de um processo arqueológico de obras digitais em *websites* diversos preservados no *Internet Archive*. Assim, a pesquisadora abre possibilidades metodológicas para a recuperação e tratamento de obras preservadas em meio digital. Com certeza esse é também um trabalho que exhibe possibilidades de replicação em iniciativas como as da curadora.

O capítulo de Marcos Cuzziol e Gilberto Prado continua o caminho deste livro com um depoimento sobre o processo que os autores chamam de “restauração” da obra *Desertesejo*, de Gilberto Prado. Nesse artigo temos o relato dos esforços de transportar de volta ao contexto de exposição obras já expostas no início do século. No capítulo, os autores enfocam os elementos poéticos e técnicos do restauro empreendido recriando-os na composição da obra *Desertesejo* atualizada. O trabalho realizado enfrentou a obsolescência de hardware e softwares no processo evidenciando a utilização de um dos modos de preservação contemporânea que recria e migra elementos poéticos e tecnologias, respectivamente, evitando uma

preservação e exposição apenas através de documentação da obra.

Como no texto de Cuzziol e Prado, o capítulo da artista Tania Fraga aborda os modos empreendidos pela autora para preservar a sua obra. Também vemos no capítulo os registros diversos da extensa produção da artista que permitirá ao/à leitor/a ter um panorama do seu trabalho. O capítulo é uma aula de auto-arquivamento, quando explicita os métodos particulares para a conservação dos seus trabalhos do modo mais integral que consegue. Em momento anterior, em artigo de 2016, já havia apontado a modalidade de preservação integral como o ideal para obras complexas compostas pelo hibridismo de linguagens. Ainda hoje, vemos que são poucas as iniciativas de preservação nesse sentido, optando-se pela preservação documental como primeira, senão única, opção. Uma das outras opções é, inclusive, mencionada pela autora no início do seu capítulo, a emulação.

A respeito das possibilidades de preservação digital, o capítulo que trouxe a esta coletânea, juntamente com Fernanda Corrêa, também contém a discussão sobre a memória da arte, mas no enfoque do Arquivo Digital da Poesia Experimental Portuguesa. Ali sugerimos alguns modos de preservação digital e descrevemos a iniciativa desse repositório de poesia criado como solução para salvaguarda e disponibilização de um reconhecido acervo histórico da arte.

Em termos históricos, as autoras do capítulo seguinte, Lucia Leão e Vanessa Lopes, examinam as produções criativas dos últimos anos no contexto de consumo, empreendendo o debate sobre a função e os caminhos da arte em uma “era transestética”, que é como as autoras nomeiam o nosso tempo seguindo as discussões propostas por Gilles Lipovetsky e Jean Serroy (2015) em *A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista*. As autoras estudam no capítulo deste livro, inclusive, um caso quando analisam a atuação do net-artista Rafaël Rozendaal.

Em todos os capítulos deste livro percorridos até aqui a memória tem sido tratada a partir do olhar do campo das artes e museologia a partir da necessidade (e os modos) de se conservar obras de arte, repre-

sentenças de determinado momento histórico etc., como patrimônio. O último capítulo de nosso livro constitui uma perspectiva diferente ao trazer a memória também como matéria da criação artística. O capítulo de Alexandre Rodrigues da Costa aponta para os processos de apropriação na arte (notadamente no cinema) como modo de tornar maleável a memória da própria arte, reconhecendo nesse processo a busca de restos, sobras, fragmentos como matéria artística. Todos que pensamos a memória hoje a tratamos nesse modo amplo, complexo e sem uma forma homogênea, seja em nossos textos analíticos, pró-preservacionistas, ou mesmo nos trabalhos de arte que com ela lida. Podemos ver no capítulo do pesquisador a sua erudição cinematográfica, sobretudo desse cinema da segunda metade do século XX e início do século XXI, sendo apresentada diante dos nossos olhos.

O nosso livro trouxe uma profusão de visões resultantes de pesquisas sérias e reconhecidas pelos pares nacionais e internacionais. Com essas visões pretendíamos, todas e todos que compõem com seus estudos esta coletânea, agregar às discussões sobre a memória do digital nas artes e na museologia. Espero que com os capítulos deste livro, o/a leitor/a tenha se aproximado dos dilemas e de algumas questões das artes e museologia com as quais nós, pesquisadores, estamos às voltas hoje e que não são apenas nossas, mas de nosso tempo.

REFERÊNCIAS

- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo – Comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- GOBIRA, Pablo. For a complete preservation of the new media art: notes on art technology. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciências da Informação*. Campinas, SP, v. 14, n. 3, p.501-514, set/dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8646335/pdf_1> Acesso em: <01/04/2018>
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.